

TEXTOS
(Sugestões para Seminários)

O RIO GRANDE DO SUL VISTO POR UM BOTÂNICO SUECO
(Lindman)

O Rio Grande do Sul (ou simplesmente Rio Grande, como às vezes se diz por abreviatura) é o estado mais austral do Brasil e situado à margem do Oceano Atlântico. A forma deste estado representa um rombo cujos ângulos se dirigem aos pontos cardeais. Relativamente à posição geográfica, o ângulo norte se acha na latitude de 27° sul e o austral na de 33° . O lado sueste é formado pela costa atlântica, o de sudoeste limita com a República do Uruguai; a nordeste e noroeste é limitado pelo curso superior do rio Uruguai que forma um grande arco. A área é igual à da Suécia ao sul do rio Angermanna ou quase 237.000 quilômetros quadrados.

O Rio Grande pertence ao sul do Brasil, expressão pela qual se designam em geral os pequenos estados da extremidade sul-brasileira — Rio Grande, Missões, Santa Catarina e parte sul do Paraná. O limite norte deste território pode ser fixado em 25° latitude sul. Apesar de relativamente pequeno em área, constitui uma parte importante da Federação Brasileira. A sua posição geográfica — litoral na zona subtropical e temperada — é muito vantajosa para o desenvolvimento de uma rica vegetação e culturas variadas de seus produtos. O clima, magnífico e agradável, garante ao homem a posse tranqüila e cômoda dos vastos prados e das luxuriantes matas destes estados. Dia e noite, por todo o ano, a gente e os animais podem viver ao ar livre; e nunca secam as fontes, nem os córregos, nem os rios; nunca falta o pasto nos prados. Por um trabalho leve mas contínuo obtém-se ainda a 30° de latitude sul ricas colheitas de milho, arroz, uvas, açúcar, laranjas, fumo, mandioca e bananas; e a formação da costa do Brasil austral, condições de terreno, clima, solo e ventos excluem as devastadoras epidemias miasmáticas que em grande parte da América tropical impedem a colonização e o cultivo. A melhor prova destas vantagens do Brasil austral é a próspera colonização, especialmente de Santa Catarina e Rio Grande, por imigrantes europeus, alemães, italianos, polacos, suecos etc. Favorecidos pela natureza clemente e clima saudável, esses novos elementos de povoamento puderam não somente apoderar-se dos sertões desertos, como dar à sua nova pátria o rico tesouro da vontade de trabalhar, capacidade de invenção e de necessidades mais elevadas, que constituem a condição para a descoberta e

aproveitamento das riquezas naturais. Como prova evidente disso há o fato de que, por exemplo, no Rio Grande do Sul, não somente as indústrias principais — indústria pastoril e plantação em derrubadas — estão muito desenvolvidas, como também que toda a espécie de indústrias e ofícios florescem por toda a parte, tanto nas cidades como nas pequenas colônias onde o elemento alemão é o predominante. Uma grande parte deste território, mais ou menos a metade de oeste, já entrou no grande grêmio da paz e do trabalho que pelos jesuítas foi organizado ao longo do curso médio dos rios Uruguai e Paraná. Desta velha colonização hoje não existem mais vestígios a não ser que os montes, os rios e muitas localidades aqui, como no Paraguai, ainda conservam nomes da língua guarani; a população das antigas **Misiones** pertencia à então numerosa nação dos guaranis. O Rio Grande traz o cunho de um longo período de distúrbios e decadência; mas a sua população desenvolveu-se para ser hoje um povo forte, sadio, contente e patriarcal, tendo dado os melhores soldados do Brasil na guerra de cinco anos contra o Paraguai. É ainda pouco numerosa a sua população, provavelmente pouco mais de um milhão, e o Rio Grande, que se calcula ter cinco habitantes por quilômetro quadrado, é, portanto, menos povoado do que, por exemplo, o Estado de São Paulo. Mas, assim mesmo, depende o Brasil em muitos casos da produção vivíssima de seus pequenos estados, dependência que, parece, antes aumentar que diminuir.

Para o estudo botânico, o Brasil austral oferece o mesmo campo vasto para a investigação que todo o grande território entre os rios Amazonas e Prata, e dos afamados viajantes investigadores neste continente somente poucos tocaram no sul do Brasil. Entretanto muitas das interessantes e novas descobertas sobre a vida vegetal nos trópicos tiveram sua origem aqui, especialmente em Blumenau, colônia alemã em Santa Catarina, que ultimamente tem sido apontada como especialmente vantajosa para o estabelecimento de uma estação botânica tropical no Novo Mundo, correspondente à afamada Buitenzorg, em Java. Além disso, por uma importante literatura, especialmente de obras de viagens, e estas devidas principalmente à colonização alemã, os estados do sul do Brasil são hoje bastante conhecidos em relação aos seus recursos naturais, posição, extensão, caráter das paisagens, vida popular e aos traços gerais da sua natureza como topografia, clima, vegetação etc. Mas para um conhecimento detalhado e exato da flora deste território resta ainda muito a fazer. Menos conhecido é o Estado do Rio Grande do Sul, não só em relação aos detalhes de sua flora, como até em suas condições florísticas gerais e seu lugar no mapa da geografia botânica. A grande obra florística

Flora Brasiliensis é uma prova de que este estado tem sido tratado como enfeitado pelos colecionadores ou, pelos menos, pelos botânicos que redigiram a obra. Para uma grande porção das plantas existentes no Rio Grande do Sul não há referências ao nome deste estado, não só por não se saber a procedência como também porque o Rio Grande tem sido considerado anexos aos estados platinos, o **ager Montevidensis**, ou então como uma parte periférica e, portanto, sem importância, da região das matas ao norte, **regio napoea** (Martius) que compreende o Brasil austral na extensão que dei a esta denominação.

A exposição que aqui tentarei fazer da vegetação do Rio Grande, sua fisionomia, condições gerais, distribuição em formações e sociedades e seu caráter ecológico, compreende especialmente a região do litoral e as centrais. Ainda que as minhas observações não se estendam aos limites políticos, pelo menos ao norte e ao sul, há contudo motivo para admitir que estas descrições e conclusões servirão igualmente para os territórios do Norte, Oeste e Sul. Não é admissível que o Rio Grande do Sul esteja isolado dos estados vizinhos por transições bruscas nas condições naturais; porquanto um exame do mapa, assim como as referências encontradas nas obras citadas em que se trata da vegetação (infelizmente, as mais das vezes, de modo geral e sem exemplos concretos) atestam que para o lado norte do Rio Grande do Sul a transição para Santa Catarina é imperceptível, como acontece também a noroeste para as Misiones e Paraguai do sul e a sudeste para o Uruguai etc.; e, certamente, seria mais difícil demonstrar as dessemelhanças que as semelhanças nos dois lados das divisas; mas como o Rio Grande do Sul compreende um grande território, algumas diversidades e mudanças ocorrem dentro dos seus próprios limites.

Topografia. A Topografia do Rio Grande apresenta os seguintes traços característicos principais. É dentro do seu território que o planalto brasileiro alcança o seu declive final para o sul. O grande muro alpino de rochas paleozóicas (granito, gnaisses, xistos arcaicos) da Serra do Mar ou Serra Geral, que desce da Bahia, ao norte, segue a costa brasileira formando o gigantesco paredão do planalto contra beira-mar, ao entrar no Rio Grande muda de direção, recuando terra a dentro e acabando bruscamente na proximidade de Porto Alegre. O próprio planalto termina igualmente por uma descida íngreme que atravessa a maior parte do Rio Grande na direção leste-oeste a cerca de 29° de latitude sul. Daí resulta a separação do estado em metades, um planalto ao norte e uma baixada ao sul, atingindo para leste uma diferença de altitude de 500 metros que para o oeste diminui até completo nivelamento. A primeira destas áreas, si-

tuada, como dizem os rio-grandenses, em **Cima da Serra**, e, portanto, um prolongamento dos estados ao norte, Santa Catarina e Paraná, forma um planalto desigual, ondulado de morros chatos e cortado por numerosos cursos d'água. A outra área, abaixo da serra, limitada ao norte pelo vale do rio Jacuí e geralmente denominada **Campanha**, corresponde em todos os seus caracteres mais aos estados limítrofes ao oeste e ao sul, Corrientes, Entre-Rios e Uruguai, e consiste em um terreno chato e aberto, interrompido por alguns espigões irregulares compridos e baixos denominados **coxilhas**, ao redor dos quais o terreno retoma o seu caráter ondulado. São dignas de especial menção, como coxilhas mais importantes, a Serra do Herval (da erva-mate) e a Serra dos Tapes (dos índios tapes) que com uma altitude de 500 metros formam verdadeiras cadeias, e por sua composição provam ser promontórios isolados das rochas paleozóicas do litoral. Mas estes maciços graníticos não pertencem mais à costa, porque esta, no Rio Grande, é representada toda ela por uma região larga de areias movediças, aglomeradas pela atividade da corrente marítima do litoral durante longo período. Por dentro desta faixa arenosa encontra-se um gigantesco canal marítimo, a Lagoa dos Patos, paralela à linha costal, meio baía e meio lagoa, comprida, estreita e rasa. A entrada desta lagoa é apenas um estreito, raso e sem largura, situado para o sul e denominado **Barra do Rio Grande** formando o único acesso para a navegação que se dirige ao estado. O comprido e estreito canal com a sua barra apertada assemelha-se a um grande rio, originando-se daí o nome do estado, **Rio Grande do Sul**.

Regiões vegetativas. A parte norte, a que denominei planalto, é também parecida com os estados vizinhos ao norte, por ser em sua maior extensão ocupada por matas, que às vezes se estendem sobre áreas cuja travessia demanda dias de viagem. Não são, porém, contínuas porque interrompidas por pastagens sem árvores, igualmente extensas e denominadas **Campos**. O forte declive com que o planalto se separa da campanha, especialmente na metade oeste do estado, é revestido de uma imponente mata virgem que assim forma uma verdadeira cinta que atravessa a maior parte do Rio Grande, de leste a oeste. E especialmente nestas matas estão localizados os colonos europeus, e são também elas que oferecem as maiores belezas naturais do estado.

A mataria alta e luxuriante, os paredões de rocha imponentes, os ribeirões encachoeirados e as altas quedas d'água fazem deste território colonial um dos mais belos lugares do mundo, ora romanticamente selvagem e grandioso, ora encantador e ridente: os seus atrativos são ainda aumentados pelo clima ameno e pelo ar puro, vivificante e caricioso.

A parte sul (e oeste) do Rio Grande é, pois, especialmente um território baixo que, sem limites naturais próprios, é continuado nos países vizinhos e, como neles, quase sem matas, porque matas contínuas e comparáveis às do território colonial existem somente em alguns pontos nos declives orientais das serras do Herval e dos Tapes, onde se acham os últimos avanços para o sul da grande região florestal brasileira. No mais, predominam os campos ou pastagens naturais que muito participam dos do planalto, mas que nos limites sul e oeste do estado apresentam traços de maior pobreza, maior esterilidade e de perfeita harmonia com o caráter dos **pampas**. Pode-se, pois, afirmar com toda a segurança que no Rio Grande encontra-se uma zona de transição entre os dois grandes contrastes na natureza sul-americana, a mata virgem brasileira e os pampas argentinos.

Toda a faixa litoral, um território largo, paralelo à linha da costa, é muito menos avantajada em sua vegetação por causa da influência das areias movediças; é aqui antes a areia do que a vegetação, que constitui a formação e o caráter predominante, motivo também por que denominaremos esta faixa a **região das areias movediças**. Uma região idêntica falta aos estados ao norte do Rio Grande, ou é ali apenas representada por uma praia estreita e acidentada.

O território do Rio Grande apresenta, pois, limitado número de regiões vegetais; cada uma de área considerável e de natureza particular. No litoral a vegetação ainda não conseguiu elevar-se à região especial; o interior, ao contrário, se divide em **região campestre** e **região florestal**, as quais por múltiplos modos se confundem, porém com manifesta predominância de campos na parte sul e de matas na parte norte do estado. Três, portanto, as divisões estudadas neste livro: 1. A região das areias movediças; 2. Os campos; 3. As matas.

(Capítulo introdutório do livro **A vegetação no Rio Grande do Sul**, de Carl Axel Magnus Lindman (1856/1928), publicado em Estocolmo em 1900; tradução de Alberto Loeffgren, Porto Alegre, Livraria Universal, 1906. Esta tradução foi reeditada fac-similarmente pela Livraria Itatiaia Editora, de Belo Horizonte, em 1974, vol. 2 da Coleção "Reconquista do Brasil", com prefácio e capítulo complementar de Mário Guimarães Ferri. O trecho transcrito ocorre às pp. 1 a 8. Sobre Lindman e sua obra, inclusive bibliografia provavelmente completa, v. a **Bibliografia Sul-Riograndense**, vol. II, pp. 822/825, de Abeillard Barreto, (Rio, Conselho Federal de Cultura, 1976.)

*

O ATO DE SUPREMACIA DE 1534

Embora a majestade de nosso rei, justa e corretamente é e deve ser a suprema cabeça da Igreja da Inglaterra, e assim é reconhecido pelo clero deste reino em suas Convocações, contudo, para corroboração e confirmação e para aumentar a virtude da religião de Cristo dentro deste reino da Inglaterra e a fim de reprimir e extirpar todos os erros, heresias e outras monstruosidades e abusos até agora em uso nele — pela autoridade do presente Parlamento é estabelecido que o rei nosso soberano senhor, seus herdeiros e sucessores, reis deste reino, devem ser tomados, aceitos e reputados na terra como a única cabeça suprema da Igreja da Inglaterra, chamada **Anglicana Ecclesia**; que eles terão e gozarão — ligada e unida à imperial coroa deste reino — tanto o título e a etiqueta do mesmo título, assim como todas as honras, dignidades, preeminências, jurisdições, privilégios, autoridades, imunidades, lucros e comodidades da dita dignidade que lhe pertencem como cabeça suprema da mesma Igreja. E que o nosso soberano senhor, seus herdeiros e sucessores, reis deste reino, terão pleno poder e autoridade de, tempos em tempos, visitar reprimir, estabelecer, reformar, ordenar, corrigir, restringir e emendar todos aqueles erros, heresias, abusos, ofensas, despezos e monstruosidades, quaisquer que sejam, que por autoridade e jurisdição espiritual devem ou podem legalmente ser reformados, reprimidos, ordenados, restabelecidos, corrigidos, restringidos ou emendados para o maior agrado de Deus Onipotente, o aumento em força da religião de Cristo, e para conservação da paz, unidade e tranqüilidade deste reino; não se opondo a isto qualquer uso, costume, lei ou autoridade estrangeiras, prescrição ou qualquer outra coisa ou coisas em contrário.

(Bettenson, Henry — *Documentos da Igreja Cristã*, 272/273; trad. de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo, Aste, 1967.)

*

*

*